

REPORTAGEM ESPECIAL

Guarda vai usar arma elétrica

A pistola dispara um choque que paralisa o criminoso por até oito minutos e foi regularizada no Brasil

ALINE NUNES
ELIANE PROSCHOLDT
FERNANDA ANDRADE

A Guarda Municipal de Vitória vai usar uma pistola que, em vez de atirar, lança dardos eletrificados que dão choque e paralisam criminosos por até oito minutos. Ainda não há data definida para a aquisição dos equipamentos, mas a prefeitura pretende trocar os revólveres comprados anteriormente pelo novo armamento.

A informação é da coordenadora da Guarda Municipal, Vanda Valadão. O uso do Air Taser, modelos X-26 e M26, é exclusivo das Forças Armadas, Órgãos de Segurança Pública e guardas municipais, conforme determinação do Diretoria de Fiscalização de Produtos Controlados e do Ministério da Defesa – e foi regularizada este ano no Brasil.

“Nos resta saber como faremos para adquirir esta arma que paralisa o suspeito e não provoca mortes. Estamos estudando a possibilidade de trocar os revólveres, que foram comprados na administração anterior, pelo Taser”, disse Vianda.

Em vez de projéteis, o Taser lança dois minidardos que estão conectados a fios de até 6,40 metros de comprimento e são impulsionados pela explosão de uma cápsula de nitrogênio comprimido. A pressão é 69 vezes maior que a de um pneu de carro. Sendo que, ao acertar o alvo, mesmo que por cima da roupa, os pequenos eletrodos descarregam 50 mil volts, mantendo a pessoa inerte enquanto o gatilho estiver acionado.

O preço médio de cada arma é de US\$ 800 (R\$ 1,9 mil). A arma tem quatro opções de cores – azul, vermelha, preta e amarela –, sendo o M26 o modelo mais popular. Já a munição custa quase R\$ 100, contra os aproximadamente R\$ 3 de uma bala comum.

A pistola elétrica possui mira a laser e pode atingir uma pessoa a 10 metros de distância. De acordo com a empresa que detém a comercialização do produto no País, a Ability BR, a descarga elétrica corta momentaneamente a comunicação do cérebro com os músculos.

A coordenadora da guarda é a favor ao uso da arma de choque. Segundo ela, a grade curricular de formação dos agentes não obriga a utilização de armas. De acordo com Vanda, o uso é opcional.



Agentes da Guarda Municipal não usam armas atualmente nas ruas de Vitória

CASSY MOTTA/AT

Impasse para instalar câmeras

Se futuramente os comerciantes da Vila Rubim, em Vitória, vão poder contar com uma guarda armada com pistola elétrica, a mesma certeza eles não têm sobre a compra das câmeras de monitoramento que serão instaladas na região.

O impasse na instalação ainda acontece por causa da diferença dos valores encontrados pela prefeitura e pela Associação Comercial da Vila Rubim. As reuniões em torno do assunto acontecem desde o ano passado e, pelo visto, ainda não há previsão para a implantação do sistema, segundo o presidente da associação, Renato de Souza.

Segundo ele, no final do mês passado, numa reunião realizada entre os representantes da associação, da prefeitura e da Polícia Militar, o serviço foi aprovado. Porém, a diferença de R\$ 20 mil, nos orçamentos para a instalação de 35 câmeras em pontos estratégicos, fez com que o processo de aquisição fosse revisto.

“Vamos aguardar mais um pouco para ver o que será feito. Orçamos em R\$ 140 mil. Já a prefeitura ficou em R\$ 160 mil”, disse.

Enquanto isso, a ansiedade está tomando conta dos comerciantes que atuam na região. De acordo com Renato Freixo, hoje a associação e alguns comerciantes vão assistir a um vídeo sobre a redução da criminalidade na cidade de Diadema, em São Paulo.

Com a implantação de câmeras, houve queda também da violência em Porto Alegre, Santa Catarina – o índice de ocorrências policiais caiu em 19 ruas e avenidas desde dezembro do ano passado, quando os equipamentos foram instalados.

“Estamos preocupados com a situação da Vila Rubim e queremos que as câmeras sejam implantadas”, disse.

De acordo com a coordenadora da Guarda Municipal, Vanda Valadão, a instalação dos equipamentos ajudará no monitoramento da região. Ela ressaltou que o uso das câmeras foi aprovado na prefeitura.

Pistola usada em 35 países

Parecida com uma pistola de brinquedo, o Taser é utilizado em mais de 6 mil departamentos de polícia de 35 países. A sua popularidade deve-se ao fato de que o criminoso pode ser paralisado, sem que para isso seja morto.

Recém-chegada ao Brasil, a pistola elétrica está sendo estudada por órgãos do governo e pela polícia militar de alguns estados, como Acre e Santa Catarina, que desejam usá-la. De acordo com o diretor do Centro Avançado em Técnicas de Imobilização (Cati - Treinamento Policial), Marcos do Val, a arma é amplamente utilizada pelos policiais americanos e europeus.

“Ela se tornou uma febre entre os policiais de ronda e equipes SWAT. Em uma emergência, o suspeito pode ser imobilizado e algemado. Mas em uma situação de confronto, com troca de tiros, esta arma não substitui a convencional”, ressaltou Marcos.

O desenho futurista lembra as pistolas usadas em filmes de ficção científica. A utilização em larga escala nos EUA surgiu após os atentados de 11 de setembro. A arma também, segundo Marcos, tem a vantagem de identificar o atirador, já que, após o disparo, confetes com o número de série da pistola são espalhados na cena do crime. Isso iden-

tifica o autor do tiro e inibe possíveis excessos.

No entanto, a utilização da arma não é simples. De acordo com a Ability BR, empresa fornecedora do Taser, para ter sucesso na utilização do equipamento, é necessário saber a distância e o ângulo de tiro, uma vez que a pistola possui um fio de comprimento limitado.

“Também é preciso saber como imobilizar a pessoa sob o efeito do choque, porque os músculos ficam em estado de rigidez. A pessoa que está utilizando o equipamento precisa ser bem treinada para não cometer erros e não machucar o suspeito”, completou Marcos.

SAIBA COMO FUNCIONA



AJ15170-2



A reportagem de A Tribuna flagrou na noite de ontem diversos bares onde máquinas caça-níqueis funcionavam livremente até de frente para as ruas

Polícia quer fechar bares

A delegada Selma Couto vai propor às prefeituras que não liberem alvarás a bares que têm caça-níqueis

Proprietários de bares e apostadores que insistem em manter máquinas caça-níqueis funcionando podem ser surpreendidos com o fechamento do estabelecimento nas próximas semanas.

A chefe da Polícia Civil, delegada Selma Couto, pretende, na semana que vem, se reunir com os prefeitos – inicialmente da Grande Vitória e depois dos demais municípios – para discutir o assunto e traçar estratégias para colocar o plano em prática.

Selma Couto disse que a Delegacia de Repressão às Ações do Crime Organizado (Draco) do Rio de Janeiro já está fechando os estabelecimentos nas cidades cariocas e que isso está contribuindo para a queda dos crimes cometidos em bares e imediações.

“Nós vimos que essa medida deu certo no Rio de Janeiro e es-

tamos fazendo esforços para implementá-la no Estado”, disse a chefe de Polícia.

Para o titular da Delegacia Especializada de Costumes e Diversões (Decodi), delegado Willis Soares de Oliveira, a participação das prefeituras é fundamental.

Segundo ele, entre as ações que as prefeituras poderiam fazer para coibir o crime de contravenção, é conceder alvarás de funcionamento apenas para estabelecimentos que não têm máquinas em funcionamento.

O delegado defende também uma parceria com o Ministério Público Estadual (MPE), para que sejam investigados os responsáveis pela distribuição das máquinas aos donos de bares.

O delegado disse, ainda, que várias denúncias têm chegado à Decodi. “Recentemente, recebemos informações sobre bares que têm caça-níqueis na Grande Vitória, em Marechal Floriano,

e também em Colatina. Estamos investigando”, disse.

PENA

A pena para quem explora jogo de azar em lugar público é de prisão simples, de três meses a um ano, e multa, conforme prevê o artigo 50 do decreto lei 3.688/41, do Código Penal.

Só que em caso de flagrante, as máquinas são apreendidas e os proprietários dos bares são conduzidos à Decodi, onde assinam um termo circunstanciado – se comprometendo a comparecer em juízo – e são liberados.

Conforme o delegado, cabe termo circunstanciado quando a pena não ultrapassa dois anos.

APREENSÕES

- 157 em Vitória
- 77 em Vila Velha
- 17 em Cariacica
- 7 na Serra
- 11 em Viana
- 11 em Guarapari
- Total: 280 máquinas apreendidas

Obs: Foram feitos 75 termos circunstanciados. Os dados são de janeiro ao dia 27 de abril deste ano.

Fonte: Delegacia Especializada de Costumes e Diversões (Decodi)

“Em Diadema foi eficaz”

KADIDJA FERNANDES/AT

Conhecido nacionalmente como o prefeito que conseguiu reduzir a criminalidade em 65% em Diadema, São Paulo, depois que determinou a lei seca na cidade, das 23 horas às 6 horas, José de Filippi Junior vai ministrar hoje duas palestras no seminário “O exemplo de Diadema”, no Centro de Convenções de Vitória.

Filippi chegou ontem às 18h30 em Vitória e conversou rapidamente com a reportagem de A Tribuna durante visita ao Ciodes.

A Tribuna – O senhor acha que o fechamento de bares pode dar certo no Estado?

José de Filippi Junior– Evidentemente que uma medida como essa precisa ser analisada para

que ela atinja o seu objetivo.

Em Diadema, a medida foi eficaz, mas em 2001 eu demorei 10 meses para chegar à conclusão de que esta atitude daria certo. Observamos o comportamento da criminalidade e da ocorrência dos homicídios principalmente. Percebemos que eles ocorriam no período da meia-noite às 6 horas e que grande parte deles era associada ao funcionamento dos bares.

– É preciso dinheiro ou boa vontade para se reduzir a criminalidade?

– Precisa ter um pouco de dinheiro, de participação popular e dos órgãos de governo e das prefeituras. Isso será um dos pontos que eu vou falar amanhã (hoje) na exposição.



Filippi está hoje em Vitória

A Tribuna flagra jogadores

Em apenas duas horas circulando por bairros de Vila Velha e Vitória, a reportagem de A Tribuna flagrou ontem diversos bares com máquinas caça-níqueis funcionando. Em alguns estabelecimentos, os proprietários colocam fliperamas e videogames junto aos caça-níqueis para despistar a irregularidade.

Outros comerciantes, mais “s sofisticados”, puseram divisórias no salão do bar deixando, assim, os equipamentos escondidos aos olhos de quem passa pela rua. Em Itararé, pelo menos dois proprietários adotaram esse recurso a fim de garantir o lucro ilegal. Caixas de cerveja, geladeiras e freezers também servem para camuflar as máquinas.

A equipe de reportagem começou a blitz por Alvorada, em Vila Velha, e, em pleno dia, encontrou bares com caça-níqueis sendo utilizados, inclusive dois perto de escola. Embora as máquinas estivessem nos fundos do estabelecimento, crianças e adolescentes, ao saírem do colégio, têm fácil acesso ao local.

Em Vila Batista, até uma sorveteria tem o equipamento e, seguindo um pouco mais pela região, não foi difícil tam-

bém encontrar caça-níqueis em Paul, especialmente nas proximidades da praça.

Na estrada de Capuaba, que corta os bairros Santa Rita e Zumbi dos Palmares, havia outros bares com as máquinas funcionando. Em nenhum desses locais, por prevenção ou repressão, foram vistos policiais no momento em que a reportagem estava circulando.

Já em Vitória, alguns bares em Itararé foram os primeiros a serem flagrados com caça-níqueis, depois de uma rápida ronda pela Praia do Canto.

Na região nobre da cidade também há denúncias da existência das máquinas, porém não estão em locais visíveis nos estabelecimentos. Outras atividades são desenvolvidas para esconder a exploração do jogo nos fundos do comércio.

Por fim, passando pela rodovia Serafim Derenzi, na região de São Pedro, em inúmeros pontos comerciais foram observados os equipamentos funcionando, com clientes jogando tranquilamente, de frente para a via. A impressão era de que não estavam preocupados com uma eventual fiscalização.

Sindicato contra ilegais

O presidente do Sindicato dos Bares e Restaurantes (Sindbares), Wilson Calil, não fez objeção ao fechamento definitivo dos estabelecimentos que mantêm caça-níqueis. “Eles estão na ilegalidade”.

Quanto ao fechamento dos estabelecimentos mais cedo, como medida para redução da violência, ele disse ser contra.

“Não vejo como uma ação dessa pode resolver essa ques-

tão. Acho que vai piorar, pois vai causar desemprego. Acho que o secretário está jogando uma cortina de fumaça sobre o real problema”, desabafou Calil.

“E mesmo quando fala em fechar mais cedo os bares da periferia, acho que está causando uma polêmica desnecessária. Era só haver uma fiscalização que essa situação seria resolvida”, acrescentou.